



O texto abaixo, de forma objetiva, consistente e em estreita sintonia com uma educação em direitos humanos, apresenta eixos fundamentais que devem orientar práticas pedagógicas para trabalhar as relações étnico-raciais na escola.

O trato pedagógico da questão racial no cotidiano escolar¹

O aprimoramento do processo de reflexão sobre a construção de novos paradigmas educacionais, as questões relativas ao currículo e suas estruturas, a construção do conhecimento, os processos de aprendizagem e seus sujeitos ocuparam nas últimas décadas do século XX e ocupam, na atualidade, o centro dos debates e atenção especial de estudiosos/as pesquisadores/as e movimentos sociais brasileiros.

Novas propostas e estratégias estão sendo concebidas. Paralelamente, convivemos com o avanço da escola brasileira no que se refere às possibilidades de acesso da criança e jovens à instituição escolar. No entanto, no que tange à permanência e ao sucesso para todos/as estudantes, existe um grande desafio a ser vencido.

Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os/as estudantes.

Fundamentar a prática escolar diária direcionando-a para uma educação antirracista é um caminho que se tem a percorrer. Nesse caminhar podemos identificar alguns pontos básicos que poderão fazer parte das reflexões/ações no cotidiano escolar, no sentido de tratar pedagogicamente a diversidade racial, visualizando com dignidade o povo negro e toda a sociedade brasileira.

a) A questão racial como conteúdo multidisciplinar durante o ano letivo.

É fundamental fazer com que o assunto não seja reduzido a estudos esporádicos ou unidades didáticas isoladas. Quando se dedica, apenas, tempo específico para tratar a questão ou direcioná-la para uma disciplina, corre-se o risco de considerá-la uma questão exótica a ser estudada, sem relação com a realidade vivida. A questão racial pode ser um tema tratado em todas as propostas de trabalho, projetos e unidades de estudo ao longo do ano letivo.

b) Reconhecer e valorizar as contribuições do povo negro

Ao estudar a cultura afro-brasileira, atentar para visualizá-la com consciência e dignidade. Recomenda-se enfatizar suas contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas, intelectuais, experiências, estratégias e valores. Banalizar a cultura negra, estudando tão somente aspectos relativos a seus costumes, alimentação, vestimenta ou rituais festivos sem contextualizá-la, é um procedimento a ser evitado.

c) Abordar as situações de diversidade étnico-racial e a vida cotidiana nas salas de aula.

Tratar as questões raciais no ambiente escolar de forma simplificada em algumas áreas, ou em uma disciplina, etapa determinada ou dia escolhido, não é a melhor estratégia para levar alunos e alunas aos posicionamentos de ação reflexiva e crítica da realidade em que estão inseridos. Na contextualização das situações, eles/as aprenderão conceitos, analisarão fatos e poderão se capacitar para intervir na sua realidade para transformá-la: os objetos de conhecimento histórico se deslocaram dos grandes fatos nacionais e mundiais para a investigação das relações cotidianas, dos grupos excluídos e dos sujeitos sociais construtores da história (SEE/MG, 2005a)².

As atividades propostas na área de história, por exemplo, podem sempre considerar alguns princípios que demandem uma determinada visão de mundo, que assim sendo, valorizem o coletivo e não somente o individual, que apontem na direção da problematização de uma memória local, nacional e ao mesmo tempo ancestral.

d) Combater às posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro.

Os conteúdos da área de ciências poderão ser fortes aliados na efetivação dessa metodologia. A aprendizagem de conceitos constitui elemento fundamental de aprendizagem das ciências. Por meio deles interpretamos e interagimos com as realidades que nos cercam. Essa ação sobre as realidades a serem interpretadas e transformadas nos leva a rever constantemente nossos conceitos, ou seja, a acomodá-los às novas circunstâncias que se nos apresentam (SEE/MG, 2005b)³.

Nessa perspectiva, o saber científico aliado ao fazer pedagógico pode valorizar bastante a fomentação de uma problematização das práticas sociais para a sensibilização de um olhar mais crítico diante da realidade, apontando para uma proposta que redefina prioridades e utilize a contribuição de todos os povos no desenvolvimento curricular.

e) Incorporar como conteúdo do currículo escolar a história e cultura do povo negro.

Esta história, bem como a dos outros grupos sociais oprimidos e toda a trajetória de luta, opressão e marginalização sofrida por eles, deverá constar como conteúdo escolar. Os/as estudantes compreenderão melhor os porquês das condições de vida dessas populações e a correlação entre estas e o racismo presente em nossa sociedade. As situações de desigualdades deverão ser ponto de reflexão para todos e não somente para o grupo discriminado, condição básica para o estabelecimento de relações humanas mais fraternas e solidárias.

f) Recusar o uso de material pedagógico contendo imagens estereotipadas do negro, como postura pedagógica voltada à desconstrução de atitudes preconceituosas e discriminatórias.

A escola que deseja pautar sua prática escolar no reconhecimento, aceitação e respeito à diversidade racial articula estratégias para o fortalecimento da autoestima e do orgulho ao pertencimento racial de seus alunos e alunas. É imprescindível banir de seu ambiente qualquer texto, referência, descrição, decoração, desenho, qualificativo ou visão que construir ou fortalecer imagens estereotipadas de negros e negras, ou de qualquer outro segmento étnico-racial diferenciado.

Para tanto, a instituição escolar terá como meta promover o nível de reflexão de seus educadores e educadoras, instrumentalizando-os/as no sentido de fazer uma leitura crítica do material didático, paradigmático ou qualquer produção escolar.

g) Construir coletivamente alternativas pedagógicas com suporte de recursos didáticos adequados.

É uma empreitada para a comunidade escolar: direção, supervisão, professores/as, bibliotecários/as pessoal de apoio, grupos sociais e instituições educacionais.

Algumas ações são essenciais nessa construção: a disponibilização de recursos didáticos adequados, a construção de materiais pedagógicos eficientes, o aumento do acervo de livros da biblioteca sobre o assunto e a oferta de variedade de brinquedos, contemplando as dimensões multiculturais.

¹ Esse texto é parte do capítulo dedicado à Educação Fundamental (p. 71-742), coordenado por Rosa Maria de Carvalho Rochas e Azoilda Loretto da Trindade, no documento "Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, publicado pela SECAD/MEC, em 2006. Disponível e acessado na internet em 27/04/2017.

² SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Currículo Básico Comum. Belo Horizonte: SEE/MG. 2005a.

³ SECRETARIA DE ESTADO DE MINAS GERAIS. Currículo Básico Comum: CIÊNCIAS. Belo Horizonte: SEE/MG. 2005b.

Ano XVII - Nº 142
Junho/Julho de 2017

Direitos Humanos na sala de aula



Apresentação

Num momento em que o Brasil vive um período de retrocesso nos direitos sociais e de graves ameaças ao exercício da democracia e da cidadania, educar em direitos humanos, mais do que uma necessidade, é uma urgência.

Nessa perspectiva, as diferentes seções desse boletim, em sintonia com o lema 2017 - **“Somos diferentes: construímos saberes, valores e práticas”**, buscam desconstruir preconceitos e discriminações, afirmando a potencialidade da diversidade cultural e dos diferentes modos de ser e estar no mundo, em consonância com uma concepção intercultural dos direitos humanos.

Pensar e agir nessa perspectiva, não é tarefa fácil. Implica em tentar articular direitos de igualdade e de diferença, considerando as relações de poder e as forças sociais em jogo. No entanto, risco maior é reduzir a realidade ao que já existe, sem dar espaço às formas de resistência e às possibilidades de mudança.

Daí, recitando como um mantra as palavras do sociólogo Boaventura Sousa Santos, sigamos em frente, com a certeza de que:

“As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza; e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Para aprofundar e ampliar esse compromisso, reiteramos o convite para que você, educador e educadora, envie sugestões de materiais, atividades pedagógicas e informes de eventos realizados nas escolas sobre a temática dos direitos humanos em especial, sobre o lema 2017, para ser divulgado na Fan Page Novamerica/Nuevamerica e nesse boletim. O e-mail para envio é escola@novamerica.org.br.

A Equipe

Participe

Coloque na agenda!

Dia **4 de julho**, de 9 às 12h, o município de São João de Meriti sediará o **Encontro Regional de Educadores/as em Direitos Humanos** sobre o tema **Escola, saberes e culturas**, com a Lea Tiriba, professora da Faculdade de Educação da UNIRIO.

Em **19 de agosto**, acontecerá o **Seminário Nacional do Movimento Socioeducativo**, com o tema **Base Nacional Comum Curricular: tensões e desafios**. Em breve, divulgaremos mais informações sobre essas e outras atividades no site www.novamerica.org.br e no Facebook **Novamerica/Nuevamerica**.

SOMOS DIFERENTES

CONSTRUÍMOS SABERES, VALORES E PRÁTICAS

NOVAMERICA 2017



Datas Significativas

Junho

04

Dia Internacional das Crianças Vítimas de Violência

05

Dia Internacional do Meio Ambiente e Universal da Ecologia

12

Dia Mundial e Nacional da Luta contra o Trabalho Infantil

26

Dia Internacional Contra a Tortura e Dia Nacional Contra as Drogas

Julho

09

Dia Internacional do Desarmamento Mundial

13

Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA

20

Dia Internacional da Amizade

NOVAMERICA

**Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania**

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA

Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033

E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>

**Direitos Humanos
na sala de aula**

**Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Sílvia Maria F. Pedreira
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca
Equipe Responsável: Edileia Carvalho
Marilena Guersola
Marinauava de A. Souza
Vera Maria Candau**



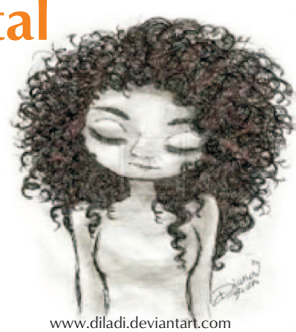
Sala de Aula em Movimento

Cara educadora e educador, reafirmando a convicção de que a escola, em especial, a sala de aula, é um espaço de construção de identidades e de reflexão sobre modos de sentir, pensar e agir no mundo social, nesse espaço, sugerimos algumas atividades para promover uma educação antirracista e a desconstrução de preconceitos e discriminações.

Importante destacar que, apesar de organizadas em séries, as atividades aqui propostas, podem ser adequadas à faixa etária e às características dos/as alunos/as e inspirarem outras situações.

Ensino Fundamental 1º, 2º e 3º anos

*“Quando essa preta começa a tratar do cabelo
É de se olhar toda trama da trança. Transa do cabelo
Conchas do mar ela manda buscar prá botar no cabelo
Toda minúcia, toda delícia...”*
(Beleza Pura, Caetano Veloso)



www.diladi.deviantart.com

Entendendo o corpo em sua dimensão material e simbólica, uma vez que, sujeito a padrões culturais do que é considerado belo ou feio em uma dada sociedade, ele no diz sobre o nosso lugar no mundo, essa atividade favorece a identificação positiva da criança negra, tendo como foco o cabelo crespo, alvo de práticas preconceituosas, que afligem negativamente a construção de sua identidade.

➤ Colocar as crianças em roda e ler o livro *“O cabelo de Lele”*, de Valeria Belém. O livro conta a história de uma menina que não gosta de seu cabelo, mas ao conhecer as origens do povo negro se encanta com as histórias e descobre a beleza de ser como é. Caso você não tenha a versão impressa, o livro está disponível na internet, em vídeo e em *slideshare* (acesso em 27/04/2017).

➤ A partir da frase final do livro: *“Lele ama o que vê. E você?”*, iniciar a conversa perguntando: Por que Lele não gostava de seu cabelo? Algum/a de vocês já sentiu ou conhece o caso de alguém que se sentiu como Lele por causa de alguma característica/condição pessoal?

➤ Animar as crianças a expressarem seus sentimentos - tristeza, raiva, medo, vergonha, solidão etc - e conversar sobre os motivos e os significados de cada um deles. Para facilitar, o educador/a pode começar falando de si.

➤ Observar a reação das crianças. Sem fazer comentários, incentivar que todos/as se expressem.

➤ Ampliar a conversa, solicitando que observem as semelhanças e diferenças entre eles/as: alguns são meninos, outras são meninas, a cor da pele, idade, nomes e sobrenomes, altura, tamanho, bairro onde e com quem moram, o que gostam e não gostam de fazer etc.

➤ Retomar a história de Lele e perguntar: como ela passou a gostar de ser como é? Voltar a parte do livro que mostra quando a menina lê sobre a história da cultura africana, conhece os diferentes tipos de tranças e penteados afros e, então, compreende a beleza de ser como é.

➤ Levar as crianças a observar se há na sala de aula/escola/família ou entre os /as amigos/as, pessoas que usam cabelos crespos soltos ou penteados afros. Se possível, selecionar, previamente, algumas imagens que revelam a beleza dos cabelos crespos e a arte de penteados/tranças afros.

➤ Concluir, destacando a riqueza da diversidade e dos diferentes modos de ser.

➤ Como desdobramento, convidar pessoas da comunidade escolar para realizarem uma oficina de penteados afros e compartilhar suas vivências. Contar histórias sobre quem trançava os cabelos em suas famílias, como aprenderam a fazer os penteados e, principalmente falar sobre a importância de não ter vergonha de ser o que se é e de afirmar seus valores culturais.

➤ Montar um mural com as fotos da atividade e dos penteados realizados nas crianças em local visível para compartilhar com a comunidade escolar.



www.shutterstock.com 130138799

Ensino Fundamental 4º, 5º e 6º anos

Essa atividade, a partir do símbolo africano Sankofa, favorece a reflexão sobre a importância da memória na construção das identidades culturais.

1º Momento

➤ Fazer uma roda e apresentar um cartaz com o símbolo africano Sankofa, explicando que como em todas as culturas, os símbolos refletem um sistema de valores, tais como: a amizade, a coragem, a dignidade, o culto aos antepassados, a determinação, a união etc.

➤ A partir dessa contextualização, situar Sankofa como o símbolo da cultura de um povo antigo, que viveu na África ocidental. O desenho e o significado do símbolo estão disponíveis na internet (acesso em 27/04/2017).

➤ Solicitar que descrevam objetivamente a figura, apontando o tipo de animal e o movimento que realiza: uma ave que tem os pés para frente e a cabeça voltada para trás.

➤ Após a descrição da figura, provocar uma chuva de ideias sobre os possíveis significados para a cultura afro-brasileira de um animal que anda para frente, mas que tem um olhar voltado para trás.

➤ Quando sentir que os significados levantados aproximam-se da ideia de que o passado nos ajuda a compreender o presente e pensar o futuro, apresentar um cartaz com a frase que traduz o significado do símbolo Sankofa:

“Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás.”

➤ Explorar a ideia de que olhar o passado nos ajuda a entender o que somos e o que queremos ser, estimulando-os a dar exemplos, a partir de suas vivências e experiências cotidianas. Para facilitar, o/a educador/a pode ser o primeiro a fazê-lo.

➤ Ampliar a conversa, assinalando que voltar ao passado também nos dá a possibilidade de recuperar algo que ficou para trás: um ensinamento, uma boa lembrança, um arrependimento ou algo que gostaríamos de corrigir.

➤ Sintetizar as falas, assinalando que as coisas que queremos preservar tem muito a ver com o que vivemos e com aquilo que queremos fazer no futuro, individual e coletivamente.

2º Momento

➤ Distribuir um cartão com o desenho e o significado do símbolo Sankofa e pedir que, em grupos, representem, sob diferentes linguagens (frases, desenhos, charge, pequena história, história em quadrinhos, poesia, música etc.) a sabedoria Sankofa, no âmbito pessoal e/ou coletivo.

➤ Montar um mural com os registros dos/as alunos/as, tendo como título a imagem e o significado do símbolo Sankofa.

➤ Se achar adequado, distribuir a letra e cantar a música *“Tempo Rei”*, de Gilberto Gil, disponível na internet. Ao final, indagar: Que velhas formas do viver queremos transformar? O que queremos aprender para ter um mundo melhor?



https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/

Enriquecendo a Ação:

Felizmente, nas últimas décadas, foram produzidos inúmeros materiais que colaboram para a implementação da Lei 11.645. Dentre eles, selecionamos os seguintes:

Dicas de sites:

- Geledes
- A cor da cultura
- Koinonia
- Café História
- Portal do MEC - clicar em Publicações da SECADI/Secretaria de Educação Continuada Alfabetização Diversidade e Inclusão.

Dicas de livros e textos online:

- **Cabelo bom. Cabelo Ruim**, de Rosângela Malachias, Coleção Percepções da Diferença Negros e Brancos na Escola, volume 4.
- **Quebrando preconceitos, subsídios para a o ensino das culturas e da história dos povos indígenas**, de Célia Collet, Mariana Paladino e Kelly Russo.
- **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**, MEC/SECAD, 2005.
- **Superando o Racismo na escola, organizado por Kabengele Munanga**, MEC/SECAD, 2005.
- **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. MEC/SECAD, 2006.
- **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula**, organizado por Amílcar Araujo Pereira. Brasília, Fundação Vale, 2014.

Dicas de livros para professores/as:

- **Diferenças étnico-raciais e formação docente: um diálogo necessário**, organizado por Lillian Cunha, Luis F.de Oliveira e Roma G. Lemos, Ed. Selo Novo, 2016.
- **Tem que partir daqui da gente: a construção de uma escola “Outra” no quilombo Campinho da Independência em Paraty**, de Edileia Carvalho, Ed. Novo Milênio, 2016.

Dicas de livros infantis e juvenis:

- **Lindo de se olhar** de Cecília Botana, Ed. Bambolê, 2016.
- **Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias**, de Daniel Munduruku, Ed Moderna, 2005.
- **Zum Zum Zumbiiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças**, de Sonia Rosa Ed. Pallas, 2016.

A Lei 10.639, aprovada em 2003, é fruto da luta histórica do movimento negro, do ativismo antirracista e das pressões decorrentes da participação do Brasil na Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância, em Durban, em 2001.

Outrossim, essa lei também é um marco na construção de outros dispositivos legais que valorizam a diversidade cultural e induzem mudanças na Educação Básica e na formação inicial e continuada de professores/as.

Em 2008, a lei 11.645, incorpora o ensino o estudo da história e da cultura indígena, altera o artigo 26 da LDB, determinando que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

✖ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

✖ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”.

Temos Direito!

Ensino Fundamental 7º, 8º e 9º anos



(https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/apartheid.htm)

***“Ninguém nasce odiando outra pessoa
pela cor de sua pele,
por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar as pessoas precisam aprender;
e, se podem aprender a odiar,
podem ser ensinadas a amar.”***
(Nelson Mandela)

➤ Essa atividade discute a presença do preconceito/discriminação nas práticas sociais cotidianas, a importância de desnaturalizá-las e de assumir posição contrária a esses comportamentos.

➤ Levantar o conhecimento prévio da turma sobre preconceito/discriminação, perguntando sobre o que sabem/vivenciam em relação a esses termos.

➤ Se achar conveniente, pedir que utilizem os celulares para pesquisar seus significados.

➤ Apresentar os significados de tais conceitos.

➤ Em seguida, dividir a turma em grupos e desafiar os a criar esquetes, no máximo de 5 minutos, que representem situações cotidianas de preconceito/discriminação (racial, sexual, de gênero, religioso, de origem social, em relação às pessoas com deficiência ou a qualquer outra característica que não se encaixe a um padrão socialmente aceito).

➤ Ao final da apresentação dos grupos, estimular o debate sobre o tema. Perguntas que ajudam:

- ✖ Que sentimentos as situações apresentadas despertam?
- ✖ Que reações podem desencadear? (violência, raiva, tristeza, vergonha, depressão, isolamento etc.).
- ✖ Vocês identificam esses tipos de preconceito na comunidade/bairro e/ou na escola?
- ✖ Vocês conversam sobre essas questões com amigos/as ou na família?

➤ Estimular a turma a identificar diferentes manifestações de preconceito/discriminação, desde músicas, piadas, ditados, enunciados e expressões populares, até xingamentos, assédios, pressões psicológicas e agressões físicas.

➤ Ampliar o debate, indagando sobre os fatores históricos, culturais e práticas sociais presentes na mídia, nas falas, músicas e comportamentos, em geral, que naturalizam e, até mesmo, incentivam atitudes preconceituosas.

➤ Fechar a atividade com a música *“Quem planta o preconceito”*, da Banda Natirutis, disponível na internet (acesso em 27/04/2017).

➤ Distribuir a letra da música e ao final da cantoria, pedir que destaquem e comentem os versos mais significativos.

➤ Como desdobramento, solicitar que busquem na internet exemplos de movimentos sociais e leis que afirmam os direitos de grupos e pessoas vítimas de preconceito e discriminação social para ser apresentado e compartilhado na turma.